

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Um contributo para a Organização dos Espaços e Materiais num Contexto de Creche

Joana Filipa Teixeira de Sousa

Coimbra, 2019

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Joana Filipa Teixeira de Sousa

Um contributo para a Organização dos Espaços e Materiais num Contexto de Creche

Relatório Final em Educação Pré-Escolar, apresentado ao Departamento de Educação
da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professora Doutora Vera Maria Silvério do Vale

Arguente: Professora Doutora Ana Maria Sarmento Coelho

Orientadora: Professora Doutora Maria Madalena Belo da Silveira Baptista

Março, 2019

Agradecimentos

Chegou a altura de agradecer a todas as pessoas que me acompanharam e que, acima de tudo, estiveram ao meu lado nesta longa etapa.

Em primeiro lugar, o meu maior agradecimento é para os meus pais, para o meu irmão, para o meu avô, para os meus tios, para os meus primos e para a “mana” Beatriz, por terem sido o meu grande suporte ao longo destes cinco anos. Será sempre difícil agradecer por nunca me terem deixado desistir quando esse parecia ser o caminho mais fácil.

À minha avó e à “nossa” Pipa, as minhas duas estrelinhas, que decidiram continuar a acompanhar este meu caminho de outro local, mas que estiveram sempre presentes no meu coração.

Às minhas meninas de Coimbra, por terem acompanhado o meu percurso do primeiro ao último dia, por terem partilhado o melhor e o pior destes anos comigo e por serem amigas que levarei sempre comigo.

Aos meus afilhados e à minha família de praxe, por terem sido um grande apoio e por terem estado sempre presentes.

Aos meus amigos e às minhas amigas que tanto aturaram, que tanto apoio me deram e que estiveram sempre do meu lado fazendo-me acreditar que era possível.

A todas instituições que me receberam, a todas as educadoras cooperantes e a todas as crianças por tudo aquilo que me transmitiram e me fizeram crescer.

A todos os professores que fizeram parte deste percurso e que tanto me ensinaram.

E, por fim, à minha orientadora Professora Doutora Madalena Baptista, por toda ajuda e disponibilidade demonstrada ao longo deste percurso.

A todos, muito obrigada!

Organização do Ambiente Educativo: Organização dos Espaço e Materiais em Contexto de Creche

Resumo:

O presente relatório tem como foco a organização dos espaços e materiais no contexto de creche e pretende evidenciar a forma como a sala está organizada e como os materiais disponibilizados podem potenciar o desenvolvimento das crianças.

Para tal, procurou-se fundamentar o tema recorrendo a diversos autores e, também, recorrendo à utilização de diferentes formas de recolha de informação, mais concretamente, observação direta e registo fotográfico.

Assim, para desenvolver este trabalho observou-se a organização do espaço e dos materiais da sala onde estava a realizar o estágio do segundo ano do mestrado em educação pré-escolar, em creche, para que fosse possível selecionar alguns dos aspetos mais críticos, de forma a poder intervir, contribuindo para a sua melhoria.

E, por esse motivo, o foco da minha intervenção foi a implementação de algumas estratégias para reorganizar a sala e para disponibilizar outros materiais, como materiais reutilizáveis e naturais, às crianças.

Ao longo desta investigação foi possível compreender a importância que a organização dos espaços e dos materiais têm no desenvolvimento de aprendizagens e do bem-estar das crianças. Concluiu-se que as estratégias criadas serviram para potenciar um maior interesse, uma maior autonomia e curiosidade das crianças, bem como um aumento das interações entre pares.

Palavras-chave: Organização dos espaços, organização dos materiais, creche, crianças.

Organization of the Educational Environment: Organization of Space and Materials in the Context of Day Care

Abstract:

This report focuses on the organization of spaces and materials in the context of day care and aims to show how the room is organized and how the materials available can enhance the development of children.

In order to do so, it was tried to base the theme using several authors and also using different forms of information collection, more specifically, direct observation and photographic record.

Thus, in order to develop this work, we observed the organization of the space and materials of the room where I was to carry out the second-year master's degree course in pre-school education, in day care, so that it was possible to select some of the most critical aspects, contribute to its improvement.

And for this reason, the focus of my intervention was the implementation of some strategies to reorganize the room and to make available other materials, such as reusable and natural materials, to children.

Throughout this research it was possible to understand the importance of the organization of spaces and materials in the development of learning and the well-being of children. It was concluded that the strategies created served to foster greater interest, greater autonomy and curiosity of the children, as well as an increase in the interactions between peers.

Keywords: Organization of spaces, organization of materials, nursery, children.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
1. Princípios Educativos em Creche.....	7
2. Legislação na Creche.....	9
3. Organização do Ambiente Educativo na creche	11
3.1- Princípios de organização do Ambiente Educativo na Creche	12
3.2- Organização dos espaços e materiais.....	13
3.2.1- A organização do espaço e dos materiais como potenciadores do desenvolvimento da autonomia e criatividade das crianças	14
3.2.2- A organização do espaço e dos materiais na segurança das crianças ...	14
3.3- O papel do espaço exterior para um ambiente de qualidade em creche	20
3.4- O papel da educadora na organização do espaço e dos materiais	22
CAPÍTULO II- COMPONENTE PRÁTICA.....	25
1. Objetivos da Intervenção	27
2. Caracterização do contexto de estágio	27
2.1- A instituição	27
2.2- Grupo alvo da intervenção	28
2.3- Organização do espaço e materiais existentes.....	28
2.4- Organização do Ambiente Educativo e práticas da educadora	35
3. Preparação da Intervenção	37
3.1- Descrição da Intervenção	43
SITUAÇÃO 1: Ausência de livros na sala.	44
SITUAÇÃO 2: Ausência de local para arrumar os livros depois de usar.	46
SITUAÇÃO 3: Poucas oportunidades para as crianças usarem todos os sentidos.	48

SITUAÇÃO 4: Ausência de materiais reutilizáveis e/ou materiais naturais na sala.	51
SITUAÇÃO 5: Poucas oportunidades das crianças correrem no exterior.	54
CAPÍTULO III- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
Legislação	67
ANEXOS	69
Anexo 1- Planificação Explorar na Natureza e Jogo Heurístico.....	71
Anexo 2- Planificação Caixa de Areia	72
Anexo 3- Planificação Cesto dos Tesouros	73

Índice de Ilustrações

Ilustração 1- Sala vista do corredor	29
Ilustração 2- Sala vista do lado de dentro	29
Ilustração 3- Planta da Sala	30
Ilustração 4- Casas de banho das crianças	31
Ilustração 5- Dormitório.....	32
Ilustração 6- Refeitório/Sala de Atividades	32
Ilustração 7- Exploração de livros	44
Ilustração 8- Exploração de livros	44
Ilustração 9- Exploração da bolsa para arrumar os livros.....	46
Ilustração 10- Bolsa para arrumar os livros	46
Ilustração 11- Exploração do Cesto dos Tesouros.....	48
Ilustração 12- Exploração sensorial das folhas de Outono	48
Ilustração 13- Jogo Heurístico.....	49
Ilustração 14- Crianças a dançar.....	49
Ilustração 15- Exploração da caixa de areia.....	51
Ilustração 16- Exploração das folhas de Outono	51
Ilustração 17- Exploração do cesto dos tesouros.....	52
Ilustração 18- Ida ao bosque.....	54
Ilustração 19- Ida ao bosque.....	54

Abreviaturas

DL- Decreto de Lei;

OCEPE- Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Índice de Tabelas

Tabela 1- Princípios Educativos em Educação de Infância	8
Tabela 2- Tabela de Observação da organização dos espaços e materiais	29
Tabela 3- Guião de Observação da Organização do Espaço e dos Materiais	38

INTRODUÇÃO

“Na linguagem de Malaguzzi (1998, 2016), o ambiente educativo é um segundo educador.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2018, p.53)

Assim, conhecer o espaço e todas as oportunidades por ele proporcionadas é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da independência tanto da criança, como ser individual, como de todo o grupo. Para além do espaço também os materiais são importantes para a aprendizagem das crianças, uma vez que estes são ótimos recursos para um desenvolvimento das aprendizagens, desde que o/a educador/a tenha sempre em conta os interesses das crianças e a qualidade dos mesmos.

O facto de as crianças se adaptarem ao espaço permite que estas tenham a oportunidade de fazer diversas escolhas e utilizarem os materiais de diversas formas para que possam desenvolver capacidades como a criatividade e a imaginação.

Apesar de existirem diversos estudos sobre a Organização dos Espaços e dos Materiais, esta é uma temática importante e que continua atual. No presente relatório procurou abordar-se esta temática, enfatizando a importância desta em contexto de creche e procurando perceber a forma como a sala, onde estava inserida em contexto de estágio, estava organizada e quais os materiais disponíveis para, posteriormente, poder planificar a minha intervenção.

Assim, este relatório integra três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o enquadramento teórico que diz respeito aos princípios educativos, à legislação em creche e, ainda, à organização do ambiente educativo, mais concretamente, à organização dos espaços e dos materiais.

O segundo capítulo apresenta a componente prática. Este é iniciado com uma breve caracterização do contexto de estágio e do grupo de crianças. De seguida é feita uma breve referência à organização do ambiente educativo e das práticas da educadora em relação a este aspeto.

Neste mesmo capítulo está ainda a preparação da intervenção e a intervenção. A preparação foi realizada com base na síntese de uma grelha de observação construída através da literatura consultada (Orientações Curriculares para a Educação

Pré-Escolar (2016), Currículo Escocês (2010) e a Grelha de Avaliação de Portugal (2003)).

Após a preparação da intervenção surge a intervenção, onde são apresentadas as diversas estratégias de melhoria da organização do espaço e dos materiais.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta as considerações finais, refletindo sobre o impacto da intervenção realizada.

CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Princípios Educativos em Creche

O currículo para a creche é algo que não tem sido objeto central de estudo e de grande interesse por parte dos investigadores (Cataldo, 1983, Abbot, 1997, Coelho, 2004) . Diversos investigadores explicam, nos seus estudos, a razão pela qual isso acontece, referindo que a visão comum do papel dos que trabalham com crianças dessas idades consiste essencialmente em capturar as oportunidades de aprendizagem em situações espontâneas.

Deste modo, investigadores como Willis e Ricciuti (1990) “evitam o termo currículo, preferindo o de projeto educativo, o que relacionam com a ênfase que colocam na interligação entre todos os âmbitos da experiência vivida pelo bebé, e por essa via da própria ação do educador, incluindo os cuidados, evitando uma focalização excessiva e independente no “desenvolvimento de actividades”.” (Coelho, 2004, p.86).

Os programas para a creche podem-se distinguir em diversos aspetos, no entanto, todos eles, nas palavras de Coelho (2004), citando Cataldo (1983), “refletem,(...), uma crença no impacto da qualidade das experiências precoces no desenvolvimento posterior da criança, independentemente da orientação educacional ou suporte disciplinar de cada um desses programas.” (p.87).

Desta forma, a autora, realçando que não se deve excluir a importância de os educadores reavaliarem as suas assunções e filosofias educacionais pessoais, considera um conjunto de princípios educativos que pensa serem um bom ponto de partida para qualquer programa destinado a crianças pequenas, a saber: i) a criança e o educador, ii) o ambiente educativo, iii) o desenvolvimento e aprendizagem, iv) o comportamento e relações interpessoais, v) os objetivos e vi) as relações com a família.

No contexto deste relatório final, o foco incidiu no princípio do ambiente educativo, cujos quatro indicadores se encontram descritos na Tabela 1.

Tabela 1- Princípios Educativos em Educação de Infância

Ambiente educativo	<ol style="list-style-type: none">1. O ambiente físico é aberto, organizado e encoraja o movimento e envolvimento nas atividades.2. As áreas do jogo contêm uma variedade de materiais de diferentes níveis e com diferentes objetos.3. As atividades diárias incluem tempos de jogo, exploração, cuidados de rotina e breves atividades de grupo.4. As atividades planificadas, usadas parcimoniosamente, podem responder a necessidades ou acontecimentos especiais.
---------------------------	---

Tabela 1- (Retirado de Coelho (2004, p.88): cf. Cataldo, 1983, tradução de Gabriela Portugal, 1998, p.206)

Estes quatro indicadores evidenciam que para além de uma dimensão teórica e de filosofia educacional, existe a necessidade de aliar uma dimensão prática, tudo o que acontece no dia-a-dia, desde a organização do ambiente e dos materiais, às rotinas e às oportunidades de aprendizagem, quer sejam espontâneas quer planeadas. (Coelho, 2004)

2. Legislação na Creche

A Recomendação nº 3/2011 é o único documento que contempla as crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos, uma vez que a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 5/86, de 14 de Outubro) contemplou apenas a educação de infância, denominando-a de “educação pré-escolar”.

Ao longo desta Recomendação é possível observar uma reflexão acerca de diversas problemáticas existentes. Um exemplo é referido pelo Exame Temático da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) (2000), que afirma que “Na generalidade, o apoio a prestar a crianças dos 0 aos 3 anos de idade não constitui prioridade em virtude de valores culturais fortemente enraizados [...]. A relativa falta de apoio por parte do Estado às crianças nesta faixa etária e, em contradição, a expectativa de que as mulheres exerçam trabalho fora de casa, embora continuem a ser totalmente responsáveis pela educação dos filhos e pelo trabalho doméstico, fazem crer que há importantes problemas por resolver em Portugal em matéria de igualdade entre os sexos.”

Existem nesta legislação onze recomendações, a saber:

- 1ª Recomendação- Conceber a educação dos 0 aos 3 anos como um direito e não apenas como uma necessidade social;
- 2ª Recomendação - Assumir que a responsabilização primeira pertence às famílias;
- 3ª Recomendação - Reconfigurar o papel do Estado;
- 4ª Recomendação - Atribuir um novo papel às Autarquias e à Sociedade Civil;
- 5ª Recomendação - Diversificar tipos de serviços;
- 6ª Recomendação - Investir na qualidade dos serviços e elaborar linhas pedagógicas;
- 7ª Recomendação - Elevar o nível de qualificação dos profissionais e das condições de trabalho;

- 8ª Recomendação - Apostar na formação inicial e contínua dos profissionais;
- 9ª Recomendação - Intervir para prevenir;
- 10ª Recomendação - Fomentar o desenvolvimento da investigação;
- 11ª Recomendação - Alargar o “Direito à Palavra” aos mais pequenos.

Estas recomendações têm como objetivo proporcionar às crianças um bom começo de vida, permitindo que exista uma limitação no que diz respeito à criação precoce de desigualdade, uma estimulação no sucesso escolar e, por fim, um investimento na cidadania.

Por outro lado, esta legislação afirma que o Ministério da Educação tem um papel “na monitorização da qualidade de educação e cuidados prestados assim como a qualidade das experiências conducentes ao desenvolvimento das crianças (DEB/OCDE, 2000: 232)”. Assim, para que essa qualidade exista tanto na educação como nos cuidados prestados, é necessário que haja uma boa organização do espaço e dos materiais e que esses espaços e materiais estejam em bom estado para serem utilizados e para permitirem que as crianças se desenvolvam de forma saudável e segura, nunca esquecendo que cada criança deve ser vista como um ser único e individual e, simultaneamente, como um todo.

3. Organização do Ambiente Educativo na creche

O ambiente educativo é a parte do currículo que inclui o arranjo espacial e várias oportunidades para diversos acontecimentos. A forma como é organizado pode “promover ou restringir o jogo da criança e as suas interações com os outros, pode facilitar ou não a sua autonomia e as rotinas, os momentos de aconchego, de conforto e bem-estar estético.” (Portugal, 2012, p.12)

Pode-se, então, afirmar que as organizações educativas são ambientes onde, em tempos e espaços adequados, se elaboram funções específicas, e onde quem neles intervém, estabelece diversas relações entre si.

Assim sendo, a organização do ambiente educativo da sala é constituída por três dimensões, sendo elas a organização do grupo, do espaço e do tempo. A organização do ambiente educativo constitui o suporte do desenvolvimento curricular, uma vez que tanto as interações como os materiais que são disponibilizados e a sua organização são fundamentais para que as crianças possam fazer escolhas e aprender. (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016)

Deste modo considera-se então que a organização do ambiente educativo é fundamental para que exista um bom desenvolvimento das práticas educativas.

Por outro lado, é importante que, de acordo com Silva, Marques, Mata, & Rosa (2016), vá existindo uma reflexão sobre a funcionalidade e a adequação dos espaços, para que se possa ir modificando a sua estrutura de acordo com as necessidades e evolução das crianças e para que se possa evitar, de certa forma, espaços estereotipados e padronizados, uma vez que estes não são desafiadores para as crianças e que nos dias de hoje ainda são visíveis, nos espaços, diversas diferenciações nos papéis que são atribuídos ao sexo masculino e feminino. Quer isto dizer que as crianças estão expostas a diferenciações que podem afetar o desenvolvimento da sua aprendizagem e que, por isso, é necessário que a organização das salas e os materiais disponíveis não criem, de alguma forma, estereótipos. (Cardona, Nogueira, Vieira, Uva, & Tavares, 2010)

3.1- Princípios de organização do Ambiente Educativo na Creche

Na opinião de Oliveira-Formosinho, Freire de Andrade, & Formosinho (2011, p.111), citando Formosinho & Oliveira-Formosinho (2008); Oliveira-Formosinho (2008), “a criação de espaços-tempos pedagógicos onde as interações e relações sustentam atividades e projetos” permite que as crianças coconstruam a sua própria aprendizagem.

Para que o espaço pedagógico possa desempenhar o seu papel no ambiente educativo é necessário que seja organizado com alguns critérios indispensáveis:

- “O da abertura e responsividade às identidades pessoais, sociais e culturais como forma essencial de colaboração numa pedagogia que inclui todas as diversidades e respeite as identidades;
- O da organização flexível conhecida da criança para que possa desenvolver as capacidades de autonomia e colaboração no âmbito do brincar e aprender;
- O da preocupação e resposta às aprendizagens experienciais no âmbito das cem linguagens da criança (Malaguzzi, 1998) para que a educação seja efetivamente porta da cultura.”

É importante que o espaço seja um lugar de bem-estar, alegria, prazer e que possa corresponder aos interesses e vivências das crianças e da comunidade.

Em qualquer idade mas, essencialmente, na idade pré-escolar o tempo pedagógico é algo imprescindível, uma vez que o mesmo organiza o dia e a semana com uma rotina diária que respeite os ritmos de cada criança e que tenha em conta o seu bem-estar e as suas aprendizagens. (Oliveira-Formosinho, Freire de Andrade, & Formosinho, 2011)

Com isto, é possível referir que é notória a relação existente entre o espaço e o tempo e toda a vivência humana que neles se vai desenvolvendo. Toda a beleza do espaço físico (incluindo os materiais que dele fazem parte), bem como do tempo, adquire real significado com as diversas interações e relações neles vividas, humanizando, assim, o espaço e a aprendizagem.

3.2- Organização dos espaços e materiais

A organização do espaço pode potenciar na criança diversas aprendizagens e desafios, assim como provocar na mesma a curiosidade potencia a autonomia e relações interpessoais positivas.

Como referem Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) “O ambiente físico e material das salas em creche deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades ao nível dos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.” (p.30)

Desta forma, é possível afirmar que o tipo de equipamento, os materiais e a organização espacial condicionam o modo como os espaços e os materiais podem ser utilizados de forma a serem bons recursos para o desenvolvimento das aprendizagens na creche.

Por fim, é importante referir que “A organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.26)

3.2.1- A organização do espaço e dos materiais como potenciadores do desenvolvimento da autonomia e criatividade das crianças

O facto das crianças se adaptarem de uma forma positiva ao espaço, dá-lhes a oportunidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de várias formas, podendo improvisar e desenvolver a sua imaginação e criatividade. Estes materiais são importantes na aprendizagem das crianças, na medida em que implicam que o educador seja capaz de definir prioridades na aquisição desses mesmos materiais, de acordo com as necessidades e os interesses das crianças e, simultaneamente, do projeto curricular de grupo. (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016)

Deste modo, os autores acima referidos defendem que “O conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.26)

3.2.2- A organização do espaço e dos materiais na segurança das crianças

Na organização do espaço é importante que seja criado um clima familiar onde as crianças se sintam seguras e onde existam diversas oportunidades para as mesmas explorarem, descobrirem, se relacionarem com os outros e, acima de tudo, onde possam desenvolver todas as suas competências.

A organização do espaço e dos materiais reflete ou tem sempre subjacente um modelo pedagógico. Tomemos a título de exemplo três abordagens: HighScope, Pedagogia-em-Participação e Reggio Emilia.

Na abordagem HighScope considera-se como um princípio curricular orientador da organização do ambiente físico a criação de um ambiente confortável e seguro para as crianças. Este princípio curricular é fundamental para que exista uma ação capaz de favorecer, em simultâneo, a segurança física e psicológica das crianças para que exista o seu bem-estar e para que exista um desenvolvimento na sua aprendizagem ativa.

De acordo com Post & Hohmann (2003), citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013, p.31), esta abordagem “ênfatisa a criação de um ambiente que *apoia com segurança a exploração ativa*.”.

Oliveira-Formosinho & Araújo, (2013), apoiando-se em Kruse (2005), referem que o modelo HighScope permite que nos primeiros três anos de vida, os *aprendizes sensoriomotores* aprendam através da utilização do seu corpo para investigarem o que os rodeia e também através da interação com os outros. Por isso mesmo são considerados aprendizes ativos. Existem estratégias privilegiadas como “a escolha de materiais e o proporcionar de experiências que apelem aos sentidos das crianças, o proporcionar de espaço e materiais que favoreçam os seus movimentos e a criação de diferentes áreas para acomodar diferentes tipos de atividades consoantes, por exemplo, a mobilidade das crianças.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.38)

Existem inúmeras estratégias relativas às condições de segurança das crianças a nível físico que permitem a monitorização de todo o espaço e crianças por parte do educador, o descongestionamento dos espaços centrais da sala, o bom estado e uma boa limpeza do piso, das paredes e dos tetos, o acesso seguro e fácil ao exterior, a inexistência de materiais considerados perigosos, existência de piso antiderrapante e de tomadas fora do alcance das crianças e, por fim, o acesso seguro do adulto a materiais do quotidiano.

No que diz respeito à organização e flexibilidade do espaço, esta abordagem configura mais um dos seus princípios curriculares orientadores. Este relaciona-se com a organização espaciomaterial. Esta organização é considerada uma condição relevante na medida em que responde de forma adequada aos interesses das crianças,

promove as suas escolhas e ajuda-as a ter um sentido de controlo sobre o seu mundo imediato.

Segundo Post & Hohmann (2003), citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013, p.32), a organização do espaço nesta abordagem é feita em “áreas distintas de cuidados e jogo, a remoção de qualquer obstáculo ao nível do piso, a presença de mobiliário, equipamentos e contentores amovíveis, bem como a existência de um fácil acesso ao exterior representam condições físicas fundamentais a este princípio.”

Assim, são definidas diversas áreas de interesse que são adotadas quando as crianças já se deslocam com facilidade. Essas áreas são as seguintes: área de movimento, área de areia e água, área dos livros, área das artes, área dos blocos, área da casinha de bonecas e área dos jogos.

Por outro lado, na ótica de Goldschmied e Jackson (2000), as salas onde estejam inseridos grupos de crianças mais novas devem conter dimensões suficientes para permitir que as crianças se possam deslocar/movimentar livremente e para que as crianças que ainda não adquiriram a marcha possam ter um canto acolhedor e tranquilo para estarem (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013).

De acordo com as autoras Oliveira-Formosinho & Araújo (2013), para além das propostas a nível da organização espacial, a HighScope Educational Research Foundation (1999) faz algumas considerações mais específicas de acordo com a idade das crianças e, assim sendo, apresenta três fases: 1) a fase do segurar a cabeça e do observar (dos 3 aos 8 meses); 2) a fase do rastejar e gatinhar, do viajar e do andar (dos 8 aos 18 meses) e 3) a fase do fazer e do testar (dos 18 meses aos 3 anos).

Assim, as autoras caracterizam as três fases acima referidas de diferentes formas. A primeira fase é caracterizada pelas limitações em termos de mobilidade das crianças, ou seja, as crianças nessa idade só são capazes de ver o seu ambiente de aprendizagem circunscrito à sua área imediata. Por essa razão a organização do ambiente ao nível do solo deve ser apelativo para que o bebé possa explorar diferentes texturas e sensações de modo seguro. Nesta fase há ainda dois aspetos que são importantes, como a retirada de obstáculos que impeçam que a criança veja o

resto da sala e a interação com objetos que lhes sejam familiares, ou seja, objetos que levem de casa, para que criem uma maior sensação de conforto e segurança.

Por outro lado, na segunda fase, as crianças já precisam de mais espaço e oportunidades de explorar de forma autónoma, uma vez que a sua mobilidade e a sua independência já são maiores. Deste modo, é necessário que existam vários nivelamentos em relação ao piso, assim como mobiliário que seja pesado e esteja fixo para que as crianças se possam agarrar para se colocarem de pé. Para além disso, nestas idades, a exploração pode beneficiar da existência de diversos “tipos de texturas, de objetos que as crianças possam colocar em movimento (o que as poderá introduzir a princípios como o de causa-efeito) e de objetos que produzam som.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.35)

Ainda na segunda fase, é considerado importante a criação de uma área onde as crianças possam expor aquilo que produzem de forma a partilhar com os outros aquilo que fazem. A criação desta área é importante na medida em que permite que as crianças entendam o valor do seu trabalho e fomentem a sua autoestima.

Por fim, na terceira fase, as crianças precisam de oportunidades para que possam desenvolver a motricidade global, ou seja, para exercitarem os grandes músculos, tanto na sala como no exterior. Dessa forma, é importante que existam barreiras físicas para que essa atividade motora não incomode crianças que estejam envolvidas em outro tipo de exploração.

Também nesta fase é importante frisar que as crianças se encontram interessadas no jogo sociodramático, o que permite a criação de um conjunto de oportunidades de aprendizagem. Por esta razão a escolha dos materiais deve ter em conta a flexibilidade. Através desses materiais também pode ser proporcionado um momento de aprendizagem como o da arrumação dos mesmos e onde os mesmos podem ser encontrados após essa arrumação.

É ainda importante que o espaço seja confortável para que as crianças estejam cómodas, possam relaxar e possam interagir a pares. Esta interação a pares é fundamental, uma vez que permite que as crianças se desenvolvam a nível social.

No que respeita à abordagem da Pedagogia-em-Participação esta explicita também algumas preocupações a nível da organização do espaço e dos materiais. Esta é uma perspetiva que, de acordo com Formosinho & Oliveira-Formosinho (2008), citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013, p.31), “reconhece a necessidade de ambientes seguros e saudáveis, responsivos a necessidades básicas da criança, decorrendo da qualidade dessa resposta os níveis de bem-estar físico e psicológico da criança”. Para além destas necessidades, estes autores, consideram que esta é também uma perspetiva que identifica a necessidade que existe em criar práticas com intenção de educar na saúde e na segurança, mais concretamente no que diz respeito aos cuidados e educação em contexto de creche.

Relativamente aos materiais, a sua escolha “deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético.” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p.26). Por outro lado, podem ser utilizados materiais recicláveis e materiais naturais, uma vez que estes potenciam inúmeras aprendizagens às crianças e permitem que as mesmas desenvolvam a sua criatividade, contribuindo também para a consciência ecológica.

Esta segunda abordagem considera a organização e a flexibilidade do espaço como características que dão contributo à aprendizagem. Organização essa que surge “associada à necessidade de criação de um quotidiano ordenado (e não de ordem, como na abordagem HighScope), que possibilite aprendizagens plurais.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.32)

Desta forma propõe diversas áreas que designa como áreas de aprendizagem. Estas áreas são: área das expressões, área dos jogos, área das construções, área do faz de conta e área da biblioteca/mediateca, podendo ainda juntar-se a estas uma área de acolhimento. De acordo com Oliveira-Formosinho (2011), citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013, p.34), “(...) a intencionalidade específica destas áreas não será sinónimo de atomização de aprendizagens, defendendo-se antes que, paralelamente ao reconhecimento da especificidade deverá residir uma compreensão profunda da forma como se integram e de como se potenciam na sua interatividade.”.

Assim, esta pedagogia evoca a necessidade de uma *pedagogia com base na aprendizagem experiencial* podendo a criança experimentar num ambiente onde existe a liberdade de escolha, e onde se possa sentir competente e participante. Para o efeito é fundamental e necessário que existam “ambientes multiformes, que desafiem sensorial e cineticamente a criança, ampliando as suas possibilidades de integração sensorial e de aprendizagem.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.38)

Por sua vez, a perspetiva Reggio Emilia “salienta a natureza dinâmica do espaço”(Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.32), uma vez que este oferece à criança diversas oportunidades quer de investigação quer de exploração. Este pode ainda ser alterado de acordo com as necessidades e novas ideias que surjam por parte das crianças.

Esta perspetiva defende ainda que a escolha dos materiais deve ser realizada pela necessidade de se criar um ambiente multissensorial que, segundo Ceppi *et al.* (1998) citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013, p.39), não seja apenas “rico ao nível da estimulação sensorial, mas atendendo também a diferentes valores e sensibilidades sensoriais, no sentido de permitir que cada criança se sinta sintonizada com as suas características idiossincráticas de receção de estímulos.”

No que diz respeito à instituição, esta é uma perspetiva que apresenta uma proposta caracterizadora para crianças dos 0 aos 6 anos de idade e que contempla três espaços: a *piazza*, o *atelier* e a sala das atividades. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013)

A *piazza* é o espaço central que tem ao seu redor os restantes espaços; que privilegia as interações e que permite a realização de atividades complementares às da sala de atividades.

Um facto interessante é a *piazza* apresentar fortes conotações pedagógicas, sendo, por isso, símbolo da *pedagogia das relações*, uma vez que, segundo Ceppi, Zini, Branzi, Rinaldi, Vecchi, Petrillo, Bruner, Icaro, Sarti & Veca (1998) citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013, p.33) “promove encontros, interação grupal,

relações sociais, a construção de histórias e a assunção, por parte das crianças, de uma identidade social.”

Quanto ao *atelier*, este tem diferentes propósitos que, por palavras de Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) citando Malaguzzi (1998), são os seguintes: em primeiro lugar “permite combinações ricas e possibilidades criativas no que concerne à exploração das diferentes linguagens simbólicas das crianças, através da experimentação de diferentes técnicas, instrumentos e materiais e da investigação de temas diversos.” (p.33). Em segundo lugar, contribui para uma melhor e eficaz comunicação entre os pais, de forma a que estes tenham um maior envolvimento nas atividades. Em terceiro lugar e por fim, este *atelier* “constitui uma arena favorável ao refinamento dos métodos de observação e registo, permitindo um maior conhecimento acerca do processo de desenvolvimento das crianças.” (p.33)

Por fim, a sala de atividades é uma divisão entre a área de cuidados e a área de jogo. De acordo com diversos autores (Post & Hohmann, 2003, Goldschmied & Jackson, 2000, Oliveira-Formosinho, 2011), citados por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013) este espaço traz diversas vantagens, como “o encorajamento à crescente mobilidade e mais visível interesse das crianças no mundo físico e social, o seu crescente sentido de si próprias enquanto seres capazes de concretizar intenções, as suas capacidades emergentes (...); o proporcionar de sentimentos como a segurança e a competência, e “(...) a criação de oportunidades para aprendizagens plurais, através da vivência de diferentes papéis, relações interpessoais, estilos de interação e da interação com materiais ricos e diversos.” (p.33).

3.3- O papel do espaço exterior para um ambiente de qualidade em creche

É fundamental investir no espaço exterior uma vez que este é também considerado um espaço educativo, que devido às oportunidades de exploração que oferece às crianças e a todas as suas potencialidades merece igual atenção à do espaço interior por parte do educador. Da mesma maneira é, também, fundamental

que as crianças tenham “acesso a experiências de descoberta e aprendizagem no exterior, em que lhes é dada a possibilidade de decidir o que fazer, com quem e de que forma.” (Bilton, Bento, & Dias, 2017, p.17)

No que refere a este ponto a abordagem HighScope destaca o espaço exterior como um potenciador de experiências, a nível sensorial e motor, das crianças. Deste modo, esta abordagem, representa orientações relativas à organização do espaço exterior, que contemplam diversos elementos naturais, assim como algumas orientações face ao tempo que as crianças passam no exterior pertencente à sua rotina diária.

As autoras Oliveira-Formosinho & Araújo (2013), consideram que as atividades ao ar livre podem proporcionar às crianças diversas oportunidades para o jogo, assim como para aprendizagens a nível social, motor e de conhecimento sobre os seres vivos (p.40).

Na perspetiva da Pedagogia-em-Participação “a curiosidade e ímpeto exploratório que a natureza suscita na criança desde muito precocemente, bem como as suas elevadas potencialidades em processos exploratórios e heurísticos (...)” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.40) revelam o exterior como um espaço privilegiado para as crianças experimentarem e aprenderem.

É, por isso, um espaço que possibilita às crianças diversas funções. Essas funções vão exigir que exista uma reflexão por parte do educador acerca das potencialidades deste espaço bem como acerca da organização do mesmo, mais concretamente, no que respeita aos materiais e equipamentos utilizados, uma vez que é importante que estes estimulem a criatividade e imaginação das crianças.

Para além da importância que este espaço tem para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças é ainda importante que se valorize a articulação entre o espaço interior e exterior, uma vez que ambos contribuem para o processo de aprendizagem e crescimento das crianças. (Bilton, Bento, & Dias, 2017, p.18)

3.4- O papel da educadora na organização do espaço e dos materiais

De acordo com Cardona, Nogueira, Vieira, Uva, & Tavares (2010, p.69) sabemos que, inicialmente, o/a educador/a “tem que estar atento/a ao que dizem as crianças, às suas sugestões, questionar os motivos que condicionam as suas escolhas e os seus comportamentos. Este é o ponto de partida para a organização de um ambiente educativo integrador.”

No que diz respeito à questão da organização do ambiente educativo, o educador segundo DL nº 241/2001- Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância:

“a) Organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas;

b) Disponibiliza e utiliza materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança;

c) Procede a uma organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças;

d) Mobiliza e gere os recursos educativos, nomeadamente os ligados às tecnologias da informação e da comunicação;

e) Cria e mantém as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças.”

É ainda importante que o/a educador/a tenha uma escolha cuidada dos materiais quando organiza o seu trabalho de forma a possibilitar um bom ambiente educativo. De igual forma é fundamental que seja capaz de planear cuidadosamente essa organização e avaliar a forma como a mesma contribui para a educação das crianças, para que, posteriormente possa refletir acerca das potencialidades e oportunidades que esse ambiente oferece.

Do mesmo modo, é também função do/a educador/a planificar de forma a criar condições necessárias que estimulem o desenvolvimento das crianças, tendo em conta o seu ritmo e os seus interesses. (Silva A. L., 2016)

É, por isso, importante que o educador de infância garanta um ambiente seguro, tendo sempre em atenção aspetos como a ventilação da sala, a disposição dos móveis e o seu estado de limpeza, assim como o estado de limpeza e de conservação dos materiais e do espaço a nível do ambiente interior e exterior. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013)

Por fim e de acordo com Oliveira-Formosinho & Araújo (2011), citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (2013, p.40), “o papel do educador de infância é o de intencionalmente observar e planear, de forma a que este ímpeto da criança seja fonte de aprendizagem e significado, através da criação de condições pedagógicas como a permeabilidade entre o interior e o exterior, a promoção da exploração direta de materiais naturais ou a criação de oportunidades para o envolvimento das crianças em projetos com um foco específico em elementos naturais.”

CAPÍTULO II- COMPONENTE PRÁTICA

1. Objetivos da Intervenção

A intervenção foi realizada durante o estágio do 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar, em contexto de creche, e teve como objetivo contribuir para a melhoria da organização do espaço e dos materiais com o envolvimento de todo o grupo de crianças.

2. Caracterização do contexto de estágio

2.1- A instituição

As instalações da Creche e Jardim de Infância situam-se numa área urbana e são espaçosas, possuindo um total de oito salas, com capacidade para receber 170 crianças, desde os 4 meses aos 5 anos, distribuídas pela creche (77) e pelo jardim-de-infância (87).

O edifício é constituído por três pisos:

- **Piso 0:** denominado por cave, destina-se fundamentalmente a arrecadações, instalações sanitárias de serviço, sala polivalente e sala da caldeira;
- **Piso 1:** é ocupado com a área administrativa e serviços de apoio, como o refeitório, dormitórios e entrada principal com um palco de apoio às festas desta Instituição;
- **Piso 2:** estão as salas da creche na ala esquerda e do jardim-de-infância na ala direita, e ainda os gabinetes das educadoras e a sala de isolamento.

A qualidade e o bem-estar são preocupações notórias nas divisões amplas, nos diversos espaços de apoio e nos materiais utilizados.

2.2- Grupo alvo da intervenção¹

O grupo é composto por 20 crianças, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

É um grupo heterogéneo, com idades compreendidas entre os 13 e 24 meses de idade, onde se diferenciam as crianças mais velhas das mais novas, pelos seus interesses, fases de desenvolvimento e autonomia. As crianças mais velhas já apresentam alguma autonomia, uma vez que comem sem ajuda, andam, correm, saltam, abrem portas, chutam bolas, já sabem lançar bolas e constroem torres até 4/5 cubos.

Deste modo, podemos subdividir este grupo em termos de autonomia da seguinte forma: crianças que têm marcha autónoma; crianças que ainda não adquiriram a marcha; crianças que comem comida mais sólida; crianças que começam a comer sozinhas; crianças que precisam da ajuda do adulto; crianças que começam já a verbalizar algumas palavras e crianças que não verbalizam quaisquer palavras.

Todas as crianças do grupo gostam muito de ouvir música e dançar ao som da mesma. As crianças mais velhas gostam de ouvir histórias, cantar, andar de triciclo, brincar com legos e já começam a gostar de jogar à bola e brincar na casinha das bonecas. De forma genérica pode dizer-se que as crianças provêm de um meio socioeconómico – cultural médio.

2.3- Organização do espaço e materiais existentes

Com base na Ficha do Espaço Educativo da Sala de Atividades, presente no Manual DQP- Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (Bertram & Pascal, 2009, pp. 86 a 92), foi construída a seguinte tabela de observação dos espaços e dos materiais da instituição:

¹ Baseado no Projeto Curricular de Grupo

Tabela 2- Tabela de Observação da organização dos espaços e materiais

Espaço Interior

1. Fotografias da Sala e Planta da Sala.



Ilustração 1- Sala vista do lado de dentro

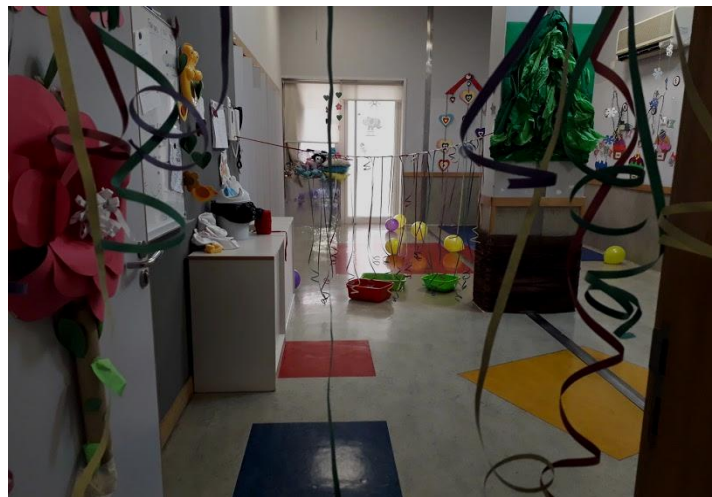


Ilustração 2- Sala vista do corredor

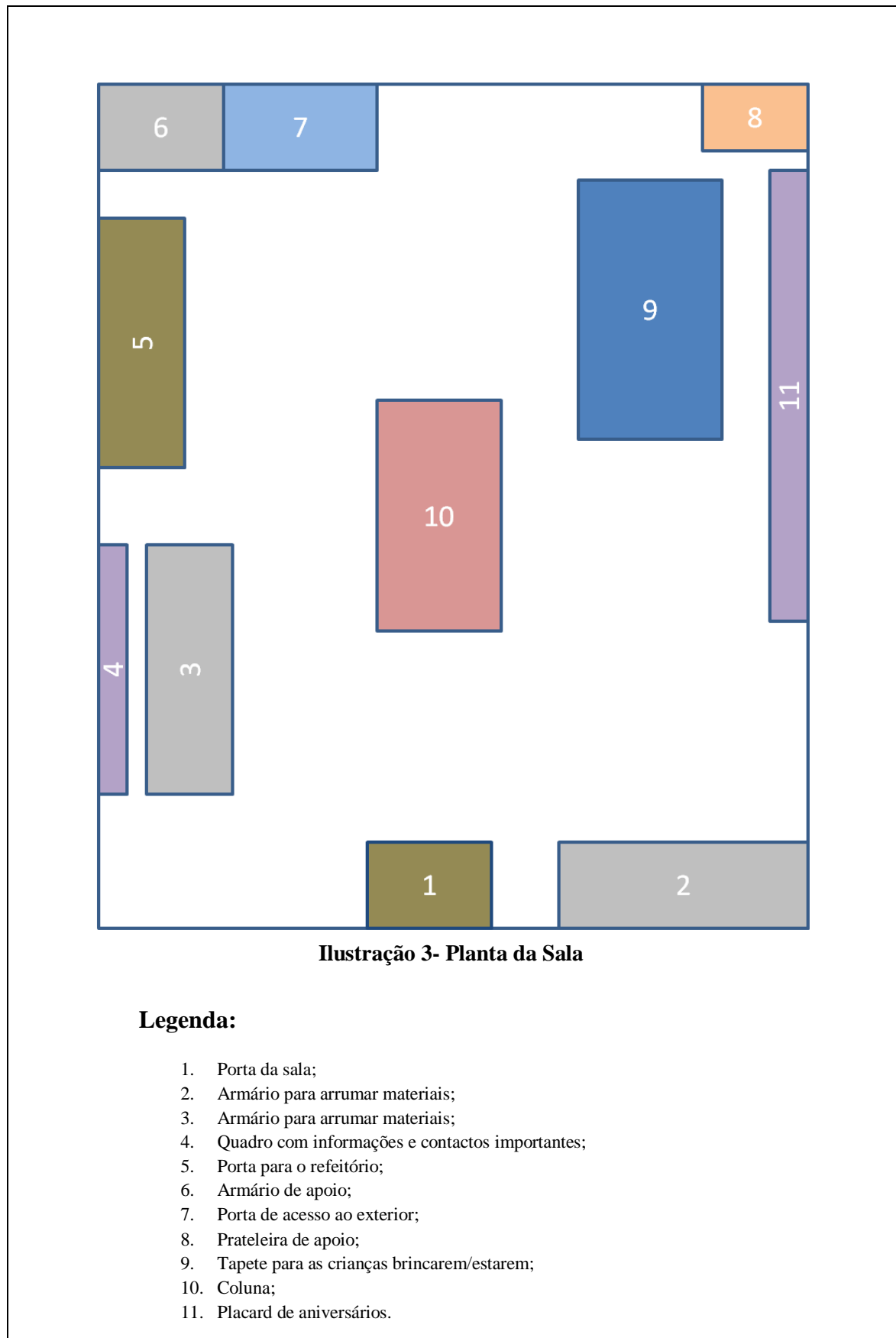


Ilustração 3- Planta da Sala

Legenda:

1. Porta da sala;
2. Armário para arrumar materiais;
3. Armário para arrumar materiais;
4. Quadro com informações e contactos importantes;
5. Porta para o refeitório;
6. Armário de apoio;
7. Porta de acesso ao exterior;
8. Prateleira de apoio;
9. Tapete para as crianças brincarem/estarem;
10. Coluna;
11. Placard de aniversários.

2. O espaço interior dispõe de: S (sim) ou N (não)a. Cacifos ou cabides para guardar os pertences das crianças. Sb. Vestiários. Nc. Acessos próprios para cadeiras de rodas. Nd. Placares/expositores. S**3. Tem acesso a outros materiais/equipamentos existentes na instituição? Quais?**

Sim, todas as salas existentes têm acesso aos materiais e equipamentos que existem na instituição. Isto é, sempre que é preciso algum material ou equipamento que se encontra noutra sala ou noutro local da instituição é possível utilizá-lo sempre que necessário.

4. Fotografias das seguintes instalações:

a. Casa de banho das crianças.

**Ilustração 4- Casas de banho das crianças**

b. Dormitório.



Ilustração 5- Dormitório

c. Refeitório/Sala de atividades.



Ilustração 6- Refeitório/Sala de Atividades

Espaço Exterior

1. Tem acesso a uma zona de recreio exterior?

a. Sim

b. Não.

c. Se sim, quantas vezes por dia é utilizado?

Este espaço é utilizado 1 ou 2 vezes por dia quando o clima é propício a isso. Quando está frio ou o tempo chuvoso as crianças não costumam ir ao exterior, uma vez que não existe um espaço coberto.

d. Partilha esta zona com alguém?

Sim, esta zona é partilhada com o grupo de crianças da sala ao lado.

2. Quem supervisiona o recreio?

O recreio é supervisionado pelas educadoras e pelas auxiliares que pertencem a cada sala.

3. Que tipo de vedação existe?

Uma vez que o espaço exterior utilizado pelas crianças é uma varanda, comum a duas salas, o tipo de vedação que existe é um muro alto que as crianças não conseguem trepar nem debruçar-se sobre ele.

4. Que materiais existem no espaço?

a. Utensílios de exterior (pás, bolas,...).

b. Estrutura para trepar, escorrega, baloiço.

c. Caixa de areia.

d. Tanque de água.

e. Brinquedos de rodas (triciclos, etc.).

f. Arrecadação exterior.

g. Jardim e/ou horta.

h. Animais domésticos.

Observações:

Existe uma pequena horta onde também existem galinhas, no entanto, este espaço está do lado do Jardim-de-Infância, sendo muito pouco utilizado pelas crianças da

<p>Creche.</p> <p>Existe também um bosque que faz parte do ambiente envolvente da instituição que tem um parque infantil com escorrega, baloiços, estruturas para trepar e uma caixa de areia, mas este espaço não é utilizado pelas crianças da Creche.</p>
<p>5. Considera os materiais suficientes?</p> <p>a. Sim. <input checked="" type="checkbox"/></p> <p>b. Não. <input type="checkbox"/></p>
<p>Características Gerais do Espaço Educativo</p>
<p>1. Estado de conservação do equipamento e do material.</p> <p>a. Novo. <input type="checkbox"/></p> <p>b. Velho. <input type="checkbox"/></p> <p>c. Usado mas em bom estado. <input checked="" type="checkbox"/></p>
<p>2. Existem equipamentos e instalações suficientes para o número de crianças que os utilizam?</p> <p>a. Sim. <input checked="" type="checkbox"/></p> <p>b. Não. <input type="checkbox"/></p>
<p>3. Medidas de segurança e de saúde das crianças e do pessoal.</p> <p>Existe, em todas as salas, uma lista com os contactos necessários para situações de emergência. Assim como existe uma lista com os contactos dos pais de todas as crianças para que possam ser usados sempre que for preciso.</p> <p>Existe também na instituição uma caixa de primeiros socorros.</p>

Após a observação da Tabela 2, é perceptível que os espaços da instituição possuem de:

- Espaços diferenciados para as crianças comerem e dormirem;
- Armários para arrumar os brinquedos e outros materiais;
- Quadros e placares com informações,
- Cabides para guardar os pertences das crianças;
- Zona de recreio exterior;

- Diversos materiais que podem ser usados dentro e fora do espaço de sala;
- Brinquedos de rodas;
- Jardim e/ou horta.

Deste modo, é possível observar que nesta instituição existem alguns aspetos que potenciam diversas aprendizagens às crianças no que respeita à organização do espaço e dos materiais.

2.4- Organização do Ambiente Educativo e práticas da educadora

A educadora organiza o grupo, em contexto de sala, de modo a permitir vários tipos de interação que são importantes e significativos para o desenvolvimento de todos. Assim, organiza o trabalho, e as vivências das atividades são efetuadas com ou para todo o grupo, com ou para pequenos grupos e individualmente.

A Educadora considera fundamental conferir um papel mais ativo às auxiliares para que as mesmas possam promover um ambiente agradável e estimulante para as crianças, referindo que toda a equipa educativa, incluindo as restantes educadoras, deve estar envolvida no processo de aprendizagem e deve trabalhar em conjunto, de forma a existir um trabalho em parceria e a desenvolver diversas estratégias para que haja um bom funcionamento do grupo. Por isso, pensa ser fundamental que exista uma discussão entre a equipa acerca dos pontos de vista sobre a sua prática diária para que se possa atingir os objetivos dando coerência e consistência ao longo de todo o processo.

Para além disso, a educadora defende que a criança se desenvolve e efetua aprendizagens ativas através do contacto com diferentes pessoas, materiais e ideias, e que aprende brincando. Assim e, de acordo com os Princípios Educativos apresentados na Tabela 1, deve existir variedade nos materiais; tempo de jogo, exploração, cuidados de rotina e atividades de grupo; e o ambiente deve ser

organizado e encorajar o envolvimento nas atividades, sendo que estas devem ser planificadas de acordo com as necessidades das crianças, proporcionando-lhes assim diversas aprendizagens

Relativamente ao modelo curricular a ser utilizado ao longo do ano a educadora selecionou o modelo HighScope, uma vez que, na sua perspetiva, este modelo é um dos mais adequados ao contexto de creche por ser um modelo curricular centrado na criança.

Observando a Ilustração 7, a seguir apresentada, é possível perceber que os princípios orientadores do modelo escolhido pela educadora são a “base crítica para a aprendizagem e desenvolvimento da criança nos seus primeiros anos de vida” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2018, p.78) e que, de certa forma, estes princípios vão ao encontro daquilo que a educadora pensa acerca do papel ativo das auxiliares, da importância das interações, bem como o trabalho em equipa e as estratégias utilizadas para que exista um bom funcionamento do grupo.

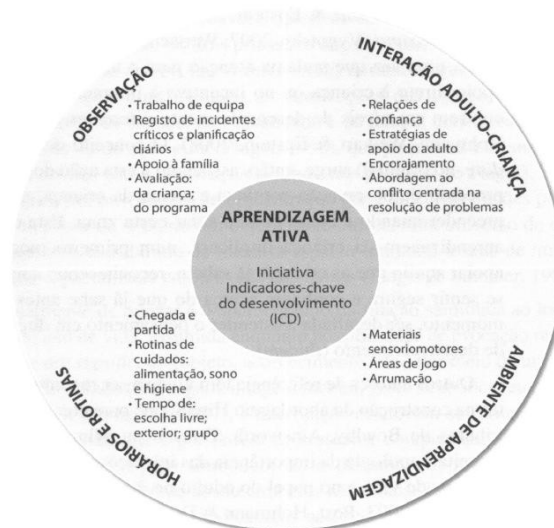


Ilustração 7- Roda da Aprendizagem do currículo HighScope para creche (Retirado de: Oliveira-Formosinho & Araújo, 2018, p.78)

Oliveira-Formosinho & Araújo (2018) consideram que “A organização do espaço em áreas distintas de jogo e cuidados, a remoção de qualquer tipo de obstáculo ao nível do piso (...), são condições físicas fundamentais (...)” . (p.84)

Assim, ao longo da minha observação em estágio e com base na *Roda da Aprendizagem*, foi possível perceber que apesar de a educadora ter selecionado o modelo *HighScope* para orientar a sua prática pedagógica, o ambiente de aprendizagem nem sempre foi organizado de uma forma sistemática, uma vez, na maioria das vezes, os brinquedos estavam dispersos pelo chão da sala e não existia qualquer local de arrumação para que as crianças os pudessem organizar/arrumar.

3. Preparação da Intervenção

Tendo em vista a preparação da intervenção, foi construída uma lista de verificação constituída por 24 itens, centrada no espaço e nos materiais. A lista teve como base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016), o Currículo Escocês (Scotland, 2010) e a grelha de avaliação de Portugal (2003). Esta lista contém diversos aspetos a ter em conta aquando a organização do espaço, bem como na organização e escolha dos materiais.

A Tabela 3, a seguir apresentada, contempla todos esses marcos de referência importantes para a intervenção, incluindo uma avaliação da sala de creche em que me encontrava a fazer o estágio. Esta tabela é ainda apresentada em tonalidades diferentes de forma a facilitar a sua interpretação aquando a leitura da explicação da mesma.

Tabela 3- Guião de Observação da Organização do Espaço e dos Materiais

	Observação Direta	Projeto Curricular de Grupo	Observações Baseado em:
1. Os interesses das crianças são valorizados, no que respeita às escolhas dos materiais.		SIM	(Scotland, 2010)
2. As crianças têm autonomia para dar a sua opinião no que diz respeito à organização do espaço.	SIM		OCEPE (2016)
3. As crianças fazem escolhas no que respeita aos materiais que querem usar.	SIM		OCEPE (2016)
4. O ambiente está organizado de acordo com a faixa etária do grupo.	PARCIALMENTE		(Scotland, 2010)
5. O ambiente é seguro, acolhedor e estimulante.	PARCIALMENTE		(Scotland, 2010)
6. O ambiente dá resposta aos níveis de bem-estar físico e psicológico das crianças.	SIM		(Portugal, G., 2003)
7. O ambiente proporciona oportunidades para as crianças usarem os sentidos de diferentes maneiras.	PARCIALMENTE		(Scotland, 2010)
8. Existe um espaço sossegado que permita à criança descansar ou dormir.	NÃO		(Portugal, G., 2003)

	Observação Direta	Projeto Curricular de Grupo	Observações Baseado em:
9. Existe espaço para as crianças arrumarem os brinquedos depois de usados	NÃO		(Portugal, G., 2003)
10. Existe um espaço exterior aberto para dias de sol e bom tempo.	SIM		(Portugal, G., 2003)
11. Existe um espaço exterior coberto para os dias de chuva	NÃO		(Portugal, G., 2003)
12. Existem materiais e equipamentos que permitem que jogos (livros, puzzles) calmos quer jogos atrativos (triciclos, estruturas para trepar).	PARCIALMENTE	SIM	(Portugal, G., 2003)
13. Existem livros atrativos de histórias ou de imagens.	NÃO		(Portugal, G., 2003)
14. Existe outro tipo de material: canetas, tintas, plasticina, areia, água, (...).	PARCIALMENTE		(Portugal, G., 2003)
15. Existem materiais de construção (legos, (...)).	SIM	SIM	(Portugal, G., 2003)
16. É utilizado o material reutilizável e/ou materiais naturais.	NÃO		OCEPE (2016)
17. Existe uma quantidade razoável de brinquedos, materiais e equipamentos disponíveis que permite que as crianças não estejam mais do que alguns minutos à espera para os usar.	PARCIALMENTE		(Portugal, G., 2003)

	Observação Direta	Projeto Curricular de Grupo	Observações Baseado em:
18. As crianças têm experiências no exterior.	PARCIALMENTE		(Scotland, 2010)
19. Os brinquedos e os materiais estão em bom estado.	SIM		(Portugal, G., 2003)
20. Os fios elétricos e as tomadas estão fora do alcance das crianças.	SIM		(Portugal, G., 2003)
21. As peças de mobiliário estão estáveis.	SIM		(Portugal, G., 2003)
22. O chão está alcatifado ou tem superfícies antiderrapantes.	SIM		(Portugal, G., 2003)
23. Existe a oportunidade das crianças correrem tanto dentro da sala como no exterior.	PARCIALMENTE		OCEPE (2016)
24. Existe um equilíbrio entre as necessidades das crianças e a liberdade de exploração independentemente dos espaços e materiais.	SIM		(Scotland, 2010)

Legenda:

- Sim
- Parcialmente
- Não

Para dar resposta aos aspetos presentes na Tabela recorri ao Projeto Curricular de Grupo e à Observação Direta e, após o preenchimento da mesma, considerei importante justificar alguns pontos, essencialmente, aqueles em que a avaliação realizada se enquadrava na coluna “Parcialmente” (itens 4,5,7,12,14,17,18 e 23).

Relativamente ao item 4, observei que a sala apesar de ser ampla e sem mobília tinha a maior parte do tempo os brinquedos espalhados pelo chão, no centro da sala, o que, a meu ver, prejudicava a autonomia das crianças no que diz respeito à marcha, uma vez que algumas delas ainda não a tinham adquirido e outras tinham adquirido há pouco tempo. Assisti algumas vezes a quedas das crianças pelo facto dos brinquedos estarem dispersos pelo chão. Com isto, considero que a segurança das crianças, neste aspeto, poderia estar posta em causa. Sendo por isso esta também a justificação da resposta ao item 5.

No que diz respeito ao item 7, há alguns sentidos que o ambiente não permite que sejam usados. Por exemplo, as crianças exploram essencialmente os brinquedos, por isso usam, maioritariamente, o tato. Há poucas atividades e poucos elementos no espaço que podem promover o desenvolvimento do olfato e do paladar; no entanto, no que diz respeito à audição, existe uma pequena aparelhagem onde, às vezes, é colocado um CD para as crianças ouvirem.

Relativamente aos materiais enumerados no item 12, os mesmos existem, no entanto, não são disponibilizados às crianças. Por exemplo, os livros e os puzzles existem, mas estão guardados dentro de um armário. Quanto aos triciclos, estes estão na varanda pertencente à sala, mas as crianças utilizam esse espaço exterior poucas vezes pelo que os triciclos não são muito usados.

O mesmo acontece com os materiais descritos no item 14, as crianças utilizam as canetas e as tintas apenas quando têm de fazer alguma atividade a pedido da educadora.

Quanto ao item 17, existem inúmeros brinquedos à disposição das crianças, no entanto, são sempre os mesmos a ser disponibilizados todos os dias. Penso que,

por esse motivo, as crianças já selecionaram o seu brinquedo preferido e, por isso, existem alguns conflitos, porque há muitas crianças a querer o mesmo brinquedo. Por outro lado, existem brinquedos suficientes para as crianças não estarem à espera, mas o interesse de quase todas as crianças pelo mesmo brinquedo existe.

No que respeita ao item 18, existe um espaço exterior (varanda) de fácil acesso, no entanto, é pouco utilizado pelas crianças. Esta justificação permite também dar resposta ao item 23, uma vez que as crianças podem correr dentro da sala, quando não existem brinquedos no chão, e no corredor, mas raramente podem correr no espaço exterior.

Existem ainda os itens 8,9,11,13 e 16 que pertencem à resposta “Não”. Esses itens são aqueles que considereei serem os aspetos mais críticos, aqueles que deveriam estar presentes e não estão, no que diz respeito à organização do espaço e dos materiais no contexto da observação.

Assim e após análise da Tabela 3 percebi que existiam alguns aspetos que podiam ser melhorados, essencialmente, no que diz respeito à organização do espaço e à introdução de diferentes materiais, nomeadamente:

- Inexistência de um local sossegado para as crianças dormirem ou descansarem;
- Ausência de livros na sala;
- Inexistência de um espaço exterior coberto para os dias de chuva;
- Ausência de local para arrumar os brinquedos depois de usar;
- Pouca utilização de outro tipo de materiais, como tintas, plasticina, etc.;
- Poucas oportunidades das crianças correrem no exterior;
- Ausência de materiais reutilizáveis e/ou naturais;
- Pouca oportunidade para as crianças usarem todos os sentidos;
- Pouca utilização de materiais e equipamentos que permitem quer jogos calmos quer atrativos.

Assim, decidi intervir nesse sentido, fazendo algumas melhorias dentro dos limites temporais da intervenção, tendo selecionado os seguintes cinco aspetos:

- Ausência de livros na sala;
- Ausência de local para arrumar os livros depois de os usar;
- Pouca oportunidade para as crianças usarem todos os sentidos;
- Ausência de materiais reutilizáveis e/ou naturais;
- Poucas oportunidades das crianças correrem no exterior.

3.1- Descrição da Intervenção

Tal como referido no ponto anterior, a intervenção baseou-se e centrou-se, numa primeira fase, nas seguintes constatações:

- Ausência de livros na sala;
- Ausência de local para arrumar os livros depois de usar;
- Pouca oportunidade para as crianças usarem todos os sentidos;
- Ausência de materiais reutilizáveis e/ou naturais;
- Poucas oportunidades das crianças correrem no exterior.

Numa segunda fase, para cada uma das situações acima descritas, foi planificada o que denomino de “situação” e que imediatamente abaixo passo a descrever.

SITUAÇÃO 1: Ausência de livros na sala.

O que foi feito?

Coloquei à disposição das crianças diversos livros guardados numa caixa e que não estavam a uso por opção da educadora, para que as mesmas pudessem explorar e manusear, uma vez que o contacto que existia com os mesmos era limitado.



Ilustração 8- Exploração de livros



Ilustração 9- Exploração de livros

Que efeito teve?

Assim que disponibilizei os livros as crianças pegaram nos mesmos e sentaram-se a olhar para os mesmos folheando-os.

Observei, essencialmente, uma maior interação entre as crianças, uma vez que exploraram, de forma autónoma, os livros em pares ou em pequeno grupo. Para além da exploração conjunta, muitas foram as vezes que observei crianças a “contar histórias” umas às outras.

De todos os livros disponibilizados aquele que mais chamou à atenção das crianças foi um livro com imagens de animais. Foi notória a alegria e atenção das crianças ao observarem aquele livro, uma vez que à medida que iam aparecendo os animais eles iam imitando o som que os mesmos emitem.

Que propostas para o futuro?

Penso que existem inúmeras formas de promover a exploração de livros e que podiam ser propostas para o futuro. Neste caso, poderia ter colocado os livros dentro de uma caixa ou de um cesto para que as crianças pudessem escolher de forma mais autónoma os livros que queriam explorar e poderia ter escolhido uma história em que o livro estivesse personificado.

Da mesma maneira, percebi que é fundamental sensibilizar a comunidade educativa acerca da importância do manuseamento dos livros por parte das crianças e, também, do quão é importante ter os livros organizados e arrumados.

SITUAÇÃO 2: Ausência de local para arrumar os livros depois de usar.

O que foi feito?

Coloquei na parede uma bolsa para as crianças arrumarem os livros quando deixassem de os usar, de forma a deixar o espaço e os materiais mais organizados.



Ilustração 10- Exploração da bolsa para arrumar os livros



Ilustração 11- Bolsa para arrumar os livros

Que efeito teve?

As crianças estavam sentadas na manta a explorar alguns livros quando uma das crianças se levantou e ficou a olhar fixamente para a bolsa de livros que tinha sido colocada na parede. A educadora deslocou-se até essa criança e perguntou se ela sabia para que servia, a criança não respondeu e, por isso, a título de exemplo a minha colega de estágio colocou lá um livro para que todas as crianças percebessem para que servia a bolsa. De seguida todas as crianças pegaram em livros e foram colocá-los na bolsa.

Que propostas para o futuro?

A criação da bolsa para os livros foi a forma encontrada para permitir que as crianças entendessem que os livros depois de utilizados devem ser arrumados num local próprio para o efeito. No entanto, penso que poderia ter feito de outra forma, ou seja, poderia ter deixado que as crianças descobrissem a utilidade da bolsa de forma autónoma colocando nela, por exemplo, uma imagem pequena de cada livro. Tal como os livros possuem um lugar próprio, também é importante que aconteça o mesmo em relação aos brinquedos

SITUAÇÃO 3: Poucas oportunidades para as crianças usarem todos os sentidos.

O que foi feito?

Coloquei na sala o cesto dos tesouros com elementos pertencentes à natureza, folhas de outono para as crianças explorarem, jogo heurístico com elementos do Carnaval e música no rádio para as crianças poderem dançar.



Ilustração 12- Exploração do Cesto dos Tesouros²



Ilustração 13- Exploração sensorial das folhas de Outono

² Este cesto permite que “(...) o bebé se fixe numa variedade de objetos do quotidiano, apelativos aos cinco sentidos.” e que “o educador deverá, na escolha dos objetos, questionar-se acerca da natureza da experiência sensorial que esse mesmo objeto proporcionará à criança.” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.53)



Ilustração 14- Jogo Heurístico³



Ilustração 15- Crianças a dançar

³ Este jogo é uma atividade exploratória espontânea que promove nas crianças a sua curiosidade natural e a sua necessidade de explorar e descobrir objetos de forma autónoma, manipulando-os. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.55)

Que efeito teve?

Cesto dos Tesouros- Inicialmente as crianças não mostraram grande interesse, mas após uma delas ter ido ver o que era as outras foram-se aproximando e foram à descoberta do que estava dentro dos cestos. Exploraram o que estava dentro dos cestos através da visão, do tato, do olfato e da audição, uma vez que muitas crianças abanaram os sacos para tentar perceber se o que estava dentro dos mesmos produzia algum som. Usaram assim diversos sentidos.

Folha de Outono- Esta atividade foi introduzida com o conto da história da “Maria Castanha” que estava relacionada com a época do ano em que nos encontrávamos. As crianças mostraram-se bastante atentas à história e entusiasmadas com a atividade, uma vez que manusearam as folhas e as puderam pisar tanto calçadas como descalças.

Jogo Heurístico⁴- Assim que abrimos a porta para as crianças entrarem na sala a alegria ficou estampada nos seus rostos. Alguns foram logo brincar com os balões, outros com a cortina de serpentinas, colocada dentro da sala. Exploraram os elementos presentes através do tato, tendo em conta que os manusearam.

Música- Algumas crianças quando a música começou a tocar começaram a dançar e, posteriormente começaram a dar as mãos umas às outras de forma a dançarem em grupo. Observei alguma atenção das crianças mais velhas para com as mais novas.

Que propostas para o futuro?

Penso que, no que diz respeito ao Cesto dos Tesouros, podia colocado os cestos no meio dos outros brinquedos, poderia ter recolhido esses mesmos

⁴ Ver Planificação – Anexo 1

brinquedos para que as crianças focassem a sua exploração nos cestos e para que o espaço estivesse melhor organizado. Podia, também, ter usado outros elementos diferentes, como por exemplo, objetos do quotidiano (bolas em miniatura, objetos de higiene, entre outros).

SITUAÇÃO 4: Ausência de materiais reutilizáveis e/ou materiais naturais na sala.

O que foi feito?

Levei elementos do exterior para dentro da sala.



Ilustração 16- Exploração da caixa de areia



Ilustração 17- Exploração das folhas de Outono



Ilustração 18- Exploração do cesto dos tesouros

Que efeito teve?

Caixa de areia⁵- Quando chegámos à sala com a caixa as crianças mostraram interesse em saber o que a mesma continha e, por isso, começaram a espreitar. Quando mostrámos o que nela existia uma criança disse “é areia” e outras crianças aproximaram-se para ver.

É certo que ao início algumas crianças não mostraram muito interesse em mexer na areia, no entanto, passado alguns minutos já todos queriam mexer.

Esta caixa despertou muito o interesse das crianças, porque a determinada altura já perguntavam como se chamava os elementos que estavam na areia. Por outro lado, outras crianças souberam identificar, sobretudo, a estrela-do-mar.

⁵ Ver Planificação- Anexo 2

Uma outra criança despertou a minha atenção quando foi buscar uma forma da praia para colocar a areia lá dentro. A meu ver a criança foi capaz de associar a areia à praia.

Cesto dos Tesouros⁶- Os cestos foram colocados no meio dos outros brinquedos que estavam no chão da sala e, por isso, como havia muitos brinquedos as crianças não mostraram, inicialmente, muito interesse no que estava em dentro dos mesmos. No entanto, quando a primeira criança se deslocou até eles, outras foram também e começaram a explorar o que estava dentro deles. Este cesto continha diversos elementos relacionados com a natureza, sendo que algumas crianças foram capazes de identificar alguns deles, como por exemplo a laranja e o limão.

Folha de Outono- As crianças ficaram bastante entusiasmadas quando mandámos as folhas ao ar para que as mesmas caíssem no tapete e mostraram interesse em manuseá-las. Penso que isto aconteceu, porque foi uma atividade à qual não estão habituadas, tendo em conta que levei elementos da natureza para dentro da sala.

Que propostas para o futuro?

Podem ser explorados mais elementos naturais, porque foram as atividades que proporcionaram o maior número de interações entre as crianças e, porque, percebi que se mostraram curiosas e entusiasmadas.

Considero que levar elementos do exterior para a sala é importante, uma vez que tanto um espaço como outro contribui para o processo de aprendizagem e crescimento das crianças. (Bilton, Bento, & Dias, 2017, p.18)

⁶ Ver Planificação – Anexo 3

SITUAÇÃO 5: Poucas oportunidades das crianças correrem no exterior.

O que foi feito?

Levei um grupo de crianças ao bosque⁷.



Ilustração 19- Ida ao bosque



Ilustração 20- Ida ao bosque

⁷ Ver Planificação - Anexo 1

Que efeito teve?

Quando chegámos ao bosque as crianças começaram logo a correr e a explorar o meio. Mostraram ainda imensa curiosidade em relação aos elementos pertencentes àquele espaço, como por exemplo, às pinhas, às pedras, às folhas e à estrutura onde se encontrava uma torneira (local onde as crianças foram guardando os elementos que iam encontrando).

Que propostas para o futuro?

Levar todas as crianças do grupo, em pequenos grupos, em vez de ter levado só um grupo. Poderia ainda levar para a sala elementos que despertaram o interesse das crianças durante a ida ao bosque para que as mesmas realizassem, no interior da sala, outras atividades com esses mesmos elementos e pudessem partilhar com as outras crianças o que viram e fizeram.

CAPÍTULO III- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brincar é considerado uma atividade natural da iniciativa da criança que expõe a forma holística como a mesma aprende. No entanto, é necessário perceber que essa atividade que é o brincar é mais do que a criança estar ocupada ou entretida com algo, é uma atividade rica e que permite o envolvimento da mesma (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016).

Para que seja possível esse envolvimento da criança é necessário que o ambiente educativo disponha de diversos materiais que estimulem os seus interesses e permitam desenvolver a sua curiosidade e oportunidade de escolha (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016). Para além desses materiais diversificados é importante que o espaço usufrua de ambientes de bem-estar e segurança, onde as crianças e os adultos, incluindo as famílias, se possam sentir acolhidos com carinho e, acima de tudo, com respeito pela sua individualidade. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2018)

Desta forma é possível reconhecer, de acordo com Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, que “O espaço deve acomodar e responder à multiplicidade de sentimentos, pensamentos, projetos que as crianças transportam.” e que é necessário que “(...) os materiais pedagógicos transportem mensagens e criem oportunidades, sejam responsivos às diferenças, às motivações, aos ritmos, a cada identidade e ao grupo.” (p.17)

Assim, a temática abordada ao longo deste relatório, a organização dos espaços e dos materiais, é algo a que se deve dar ênfase quando se fala em contexto de creche e de jardim-de-infância. Por este motivo, ao observar o espaço e os materiais da sala onde me encontrava em estágio e ao recorrer à Tabela 2, decidi intervir em alguns aspetos que podiam ser melhorados.

Ainda durante a minha observação percebi que existia uma grande quantidade de brinquedos disponíveis, no entanto, os mesmos eram bastante estruturados e pouco diversificados. Ou seja, existiam apenas brinquedos de plástico e eram praticamente todos iguais.

Mas, no que diz respeito a esta observação, considero que todas as situações onde foquei a minha intervenção diminuíram, de alguma forma, a ausência de diversidade de brinquedos, tendo em conta que foram disponibilizados diversos elementos novos às crianças que elas puderam explorar.

Para além das estratégias utilizadas e que denominei de “situações” na parte do relatório relacionada com a intervenção, podia ter realizado, se tivesse existido mais tempo, outras atividades que pudessem permitir às crianças desenvolver as suas capacidades, como por exemplo, colocar na sala e no exterior alguns objetos que permitissem que as crianças pudessem deslocar-se, trepar e atribuir outras funcionalidades consoante a sua própria imaginação. (Matos, 1991)

Desta forma e em jeito de reflexão sobre essas situações criadas, posso descrever algumas propostas para uma intervenção futura. São elas:

- Utilizar histórias onde o livro esteja personificado;
- Sensibilizar para o manuseamento dos livros;
- Promover a escolha e exploração autónoma dos livros e/ou de outros materiais;
- Recolher os objetos que se encontram ao dispor das crianças aquando da introdução de uma nova exploração para permitir um maior foco nos materiais novos;
- Utilizar mais elementos, como por exemplo, objetos do quotidiano e elementos da Natureza;
- Permitir que todas as crianças possam explorar o espaço exterior envolvente;
- Recolher e levar para contexto de sala elementos do interesse das crianças para permitir novas explorações e partilhas.

Considero estas propostas benéficas para uma futura intervenção e por isso foram partilhadas com a educadora responsável pelo grupo, uma vez que é importante que a escolha dos materiais apele aos sentidos das crianças e que o

proporcionar de espaço e de materiais favoreça os seus movimentos. (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2018)

Assim, no decorrer da intervenção, percebi que é fundamental que exista uma boa organização do espaço e dos materiais e que existem outras formas de organizar o espaço e os materiais, mas essencialmente, percebi o quanto esta organização é fundamental quando se fala de um contexto de creche.

Desta forma concluí que as estratégias/situações criadas serviram para potenciar um maior interesse, uma maior autonomia e curiosidade das crianças, um aumento das interações entre pares, bem como algum impacto nas práticas da educadora, uma vez que a mesma tentou solucionar a questão de não existir local para arrumar os brinquedos após estes serem utilizados.

Nesta perspetiva, o educador/a deve orientar, apoiar e atuar de forma a facilitar a atividade da criança, valorizar os interesses das crianças, ter em atenção o crescimento pessoal de cada criança e ter em conta os interesses e o desenvolvimento das crianças quando planifica (Coelho, 2004) e, ainda, organizar o espaço e os materiais, potenciando-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a que seja possível proporcionar às crianças experiências educativas integradas (DL 241/2001).

Mas acima de tudo, e devido ao seu papel complexo, o educador/a deve ver a criança como um ser individual e único e, simultaneamente, como um todo (Recomendação nº3/2011), uma vez que é um cuidador, um provocador de experiências de aprendizagem e que aprende e se desenvolve com os pais, mas essencialmente, com as crianças (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2018).

Para terminar, considero esta intervenção uma mais-valia para o meu futuro enquanto educadora, uma vez que fiquei a conhecer que “a forte imagem da criança reflete uma forte imagem de educador e uma forte imagem de escola (Malaguzzi, 1994).” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2018, p.107), mas acima de tudo, porque alarguei os meus conhecimentos no que diz respeito a esta temática da organização dos espaços e dos materiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bertram, T., & Pascal, C. (2009). *Manual DQP - Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Lisboa: Ministério da Educação.

Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao Ar Livre. Oportunidades de desenvolvimentos e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.

Cardona, M., Nogueira, C., Vieira, C., Uva, M., & Tavares, T. (2010). *Guião de Educação. Género e Cidadania. Pré-escolar*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Presidência do Conselho de Ministros.

Coelho, A. M. (2004). *Educação e Cuidados em Creche. Conceptualizações de um grupo de educadoras*. Aveiro.

Matos, M. d.-H. (1991). *Compreender e adaptar as actividades educativas. A acção está primeiro*. Lisboa: C. Miranda.

Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2018). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J., Freire de Andrade, F., & Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2003). *Crianças, Famílias e Creches. Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto Editora.

Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS-Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.

Scotland, L. a. (2010). *Pre-Birth to Three. Positive Outcomes for Scotland's Children and Families*. Scotland.

Silva, A. L. (Maio/Dezembro de 2016). Cadernos de Educação de Infância. Associação de Profissionais de Educação de Infância.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).

Legislação

Decreto Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto. *Diário da República n.º 201/01– I – A*
Série. Ministério da Educação. Lisboa.

Recomendação n.º 3/2011. *Diário da República, 2ª série - n.º 79 – 21 de Abril de*
2011. Conselho Nacional de Educação. Lisboa.

ANEXOS

Anexo 1- Planificação Explorar na Natureza e Jogo Heurístico

Descrição	Recursos	Objetivos
<p>Explorar a Natureza</p> <p>Saída com um grupo pequeno de crianças ao espaço exterior (bosque), com o intuito de explorar o meio envolvente/a Natureza através dos sentidos, sem recurso a outros materiais se não aqueles que encontramos no espaço natural.</p> <p>Grupo de crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ CO; ▪ MC; ▪ GC; ▪ G; ▪ M; ▪ GC; 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 estagiária ▪ 1 auxiliar/educadora 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Favorecer interações espontâneas criança-criança; ▪ Explorar de forma livre; ▪ Potenciar a resolução de problemas de forma autónoma; ▪ Criar oportunidades de exploração e aprendizagem; ▪ Promover a descoberta do meio envolvente; ▪ Promover o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças; ▪ Estimular a curiosidade.
<p>Jogo Heurístico de Carnaval</p> <p>Disponer, na sala, em caixas, os diferentes materiais mencionados e deixar que as crianças explorem cada um deles à sua vontade e ao seu ritmo.</p> <p>Este momento deve acontecer sem a intervenção do adulto, uma vez que o seu papel no jogo heurístico é apenas de observador atento. Pode intervir em caso de conflito, caso as crianças não consigam resolvê-lo sozinhas.</p>	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 estagiária ▪ 1 auxiliar/educadora <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Serpentinhas; ▪ Confettis; ▪ Narizes de palhaço ▪ Bigodes ▪ Perucas ▪ Máscaras ▪ 4 caixas ▪ Fio/Cordão/... ▪ Fita cola 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover o desenvolvimento da criança através da exploração/descoberta; ▪ Potenciar a autonomia; ▪ Desenvolver a motricidade fina e motricidade grossa; ▪ Favorecer aprendizagens: manusear, separar, selecionar, arrumar, ... ▪ Promover a descoberta de elementos alusivos ao Carnaval.

Anexo 2- Planificação Caixa de Areia

Descrição	Recursos	Objetivos
<p>Disponibilizar às crianças e bebés uma caixa com areia, elementos naturais marinhos.</p> <p>Papel do adulto: Certificar-se previamente que todos os objetos colocados no Cesto dos Tesouros são seguros; Garantir a segurança através da supervisão atenta, mas não ativa;</p>	<p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Caixa larga e baixa; ● Areia; ● Elementos naturais marinhos: conchas, estrelas-do-mar e búzios. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Potenciar a autonomia; ● Promover o desenvolvimento da criança através da exploração/descoberta; ● Desenvolver a capacidade de tomada de decisão; ● Desenvolver a motricidade fina e grossa; ● Conhecer o cheiro, o aspeto (cor, forma, ...) de diferentes elementos naturais marinhos através dos sentidos.

Anexo 3- Planificação Cesto dos Tesouros

Descrição	Recursos	Objetivos
<p>Disponibilizar às crianças e bebés, ao mesmo tempo que os brinquedos que utilizam diariamente, um cesto com diversos elementos naturais dentro de sacos de organza.</p> <p>Papel do adulto: Certificar-se previamente que todos os objetos colocados no Cesto dos Tesouros são seguros; Garantir a segurança através da supervisão atenta, mas não ativa;</p>	<p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Cesto ou caixa de papelão; ● Sacos de organza pequenos; ● Ervas aromáticas e de infusão: manjerição, alecrim, erva príncipe, doce lima,...; ● Cascas de fruta: tangerina e limão; ● Grãos de café; ● Pedras pequenas; ● Frutos do eucalipto (Pitorras); ● Terra. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Potenciar a autonomia; ● Promover o desenvolvimento da criança através da exploração/descoberta; ● Desenvolver a capacidade de tomada de decisão; ● Desenvolver a motricidade fina e grossa; ● Conhecer o cheiro, o aspeto (cor, forma, ...) de diferentes elementos naturais, bem como o som que produzem no contacto uns com os outros, através dos sentidos.